

RUI, O GRANDE DERROTADO

DJACIR MENESES

Ex-catedrático de Introdução à Ciência do Direito —

Atual catedrático da Universidade do Brasil.

A evocação da figura inextinguível do grande batalhador enche, nestes primeiros dias de novembro, todos os centros de estudos jurídicos. A admiração dos jovens que começam a palmar os caminhos do Direito é a melhor consagração do maior doutrinador das instituições republicanas. Da tribuna, da imprensa e do livro sai o mesmo rumor de apoteose comovida, sem distinção de partidos ou classes. Mas porque não aproveitar a contemplação de tão alto exemplo para retirar da vida de Rui a lição moral que ela exprime?

O passado não vale como registro de fatos ou retratos de personalidades — mas pela experiência que pode proporcionar no sentido do futuro. Não é na sua contemplação passiva, mas na sua interpretação ativa que se recolhem as sugestões criadoras do futuro.

Nesse sentido, Rui é, antes de tudo, um exemplo.

Um exemplo de estudioso infatigável que não abdicou de suas convicções jurídicas para o êxito do oportunismo político. Acima do conchavo, colocou os princípios; acima da transação, as idéias; acima dos interesses facciosos, — a lei.

E como compreendia a soberania da legalidade constitucional! Debalde rugitaram contra êle as coleras dos poderosos

ocasionais. Não temeu as nuvens de borrascas acumuladas no horizonte do poder, guardando no seio o raio que podia siderar o lutador. Num desses momentos escreveu:

“Quando a lei deixa de proteger nossos adversários, cessa virtualmente de proteger-nos”.

Era o homem do Direito que falava. Durante meio século evangelizou corajosamente as suas ideias.

É esse lado moral que magnetisa a mentalidade moça. As páginas candentes que deixou ainda vibram na eloquencia da verdade. Pouco importa que as apostasias se cubram com seu nome. O seu exemplo está de pé — e agiganta-se cada vez mais. É nas suas orações e nos seus livros que está a sua grande pregação de moralidade política. Sofreu muitas derrotas na peleja travada contra o facciosismo, contra a malversação, contra a falsificação das instituições republicanas. Mas cada derrota revertia numa soma maior de glória, que lhe projetava o nome nas consciências livres. Foi assim que se alargou o círculo de admiração pelas gerações que se sucederam. As grandes cruzadas que pregou mobilisaram as correntes mais profundas da nação.

É o que se vê ainda neste centenário — uma extraordinária mobilização de consciências para homenagear tão alto exemplo de cultura e moralidade política. Ainda neste instante, Rui cresce pelo contraste. Quantos lhe seguem o exemplo e as palavras? quantos se abeberam de seu amôr à legalidade constitucional, de sua fôrça moral de renunciar o que lhe exigia sacrifício de suas idéias? Não é o momento asado para, esquecendo os rumôres das manifestações exteriores, meditar um pouco no significado profundo da sua vida, na moralidade profunda de sua pregação? Como não ver que a melhor consagração reside no combate dos vícios políticos, denunciados em páginas vibrantes daquela “ira quasi sagrada” que ressôu na pena do grande brasileiro?